

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?**

**- FUTURO**

**3 e 14 de Dezembro de 2024**

**HIGH SCHOOL II / 1994**

*Um filme de Frederick Wiseman*

Realização: Frederick Wiseman / Direcção de Fotografia: John Daviau / Montagem: Frederick Wiseman.

Produção: Zipporah Films / Produtor: Frederick Wiseman / Cópia: Digital, colorida, falada em inglês com legendagem eletrónica em português / Duração: 220 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Uma das coisas que mais desconcerta os espectadores desprevenidos na obra de Frederick Wiseman é o facto de nem sempre (quase nunca, na verdade) se sair da sala em “estado de choque” perante a revelação de qualquer faceta “escandalosa” da sociedade. Não sendo, nem de perto nem de longe, uma obra de “denúncia”, nem sendo essa a motivação subjacente às escolhas temáticas do cineasta, a verdade que a obra de Wiseman começou, de certo modo, sob esse signo: recordemos **Titicut Follies**, o filme sobre a prisão de Bridgewater no Massachusetts, verdadeiro soco no estômago que inclusivamente foi alvo proibições várias durante décadas. Talvez por esse arranque, ou talvez pela aplicação de um lugar comum que marca algumas relações com o género documental (e que associa o “grande documentário” a um cinema forçosamente inserido numa lógica mais ou menos militante de “denúncia”) há sempre quem espere, perante cada novo filme de Wiseman, que ele venha trazer mais um sinal daquilo que está mal, daquilo que não funciona, um sinal, enfim, confirmador da inequívoca corrupção do mundo em que vivemos.

Só que... nem sempre é assim. O “programa” de Wiseman nunca foi o de um “cinema de denúncia”, nunca foi uma questão de militância social. Orientado por preocupações analíticas rigorosas – que configuram também um método e uma ética – a Wiseman sempre interessou, acima de tudo, o estudo de microcosmos sociais de variadíssima natureza (as “instituições americanas”) quer nas suas estruturas internas quer no modo como reflectam, prolongam ou comunicam com o mundo exterior; ou seja, se quisermos, o estudo de microcosmos a partir daquilo que faz com eles possam ser considerados um microcosmos. Cada “objecto” do cinema de Wiseman é visto, pensado ou estruturado, cinematograficamente, como ponto de vista ou observatório aberto sobre a sociedade exterior. É por isso que, no limite, todos se equivalem, tendo, neste sentido, tanto valor uma prisão como um liceu.

Nesta perspectiva, **High School II** será um filme mais significativo – ou pelo menos mais sintomático da própria evolução e refinamento do cinema de Wiseman – do que o

primeiro filme. Pela simples razão de que a escola focada (um liceu nova-iorquino, o Central Park East High School) é uma escola que *funciona*, é uma escola que não podendo ser considerada uma típica escola americana é, a vários títulos, uma escola-modelo. Nalgumas recensões menos “especializadas” escritas à época da estreia do filme, mais uma vez isto fez alguma confusão – para quê um filme de quatro horas sobre uma coisa que, aparentemente, não levanta grandes questões? Esperar-se-ia, como disse Wiseman, “*uma realidade feita de polícias, drogas, detectores de metais e violência, e nada disso existe em Central Park East*”. Era justamente isto que interessava a Wiseman (“*what’s the point of yet another film showing how a big city high school isn’t working?*”) e foi por isso este liceu foi o escolhido.

Ao mesmo tempo, nada é assim tão simples – **High School II** está longe de se limitar a ser um filme de propaganda a uma escola-modelo, de onde 90% dos alunos seguem para a universidade. O grande tema de Wiseman continua a ser, obviamente, o funcionamento da sociedade americana, as suas contradições, imperfeições e tensões. Há um eco permanente delas em **High School II**. Mas a grande subtilidade do filme, para lá da maneira como deixa entrar esse eco, é o facto de filmar a escola como lugar hipotético (ou *esta escola* como lugar *efectivo*) de digestão, conciliação, explicação e superação de todas essas contradições. A escola, a instância escolar, como elemento fundamental de *integração*, como veículo primordial de garantia do funcionamento da sociedade – para mais, como o filme discretamente sublinha, de uma sociedade como a americana, crescentemente multicultural e multirracial (não é por certo fortuito que o “caso Rodney King”, então ainda fresco, irrompa mais do que uma vez nas conversas, e o filme, depreende-se, foi filmado durante as semanas em que Los Angeles esteve a ferro e fogo depois de conhecida a sentença do tribunal). Dir-se-ia até que o primeiro momento de conversa longa no filme (uma professora submete um aluno à discussão de um trabalho) define o seu âmbito, quando a questão que a professora lança ao rapaz é mais ou menos esta: “até que ponto é que a instrução e a educação podem ser essenciais na garantia do aperfeiçoamento da democracia?”. Subtilmente, esta pergunta (ou esta resposta) percorre todo o filme de Wiseman.

Que é, acima de tudo, exemplar no modo como, a partir de um lugar específico (e os planos de “pontuação”, com vistas gerais de Nova Iorque e do bairro onde a escola se insere, chamam a atenção para essa especificidade), se deixa atravessar por todas essas “grandes questões” sociais que alguns gostariam de ter visto em primeiro plano – as tensões raciais (o diálogo com o miúdo negro e a mãe, também no princípio), as situações sociais-limite (o jovem casal de adolescentes-pais), a Sida (as aulas de educação sexual), a continuidade entre o tempo na escola e o tempo fora dela (outra conversa com o pai de uma aluna), a violência (o miúdo cujo irmão foi baleado), etc.. **High School II** como um grande caldeirão microcómico, onde é possível entrever as fraquezas de uma sociedade, mas também tudo aquilo que faz a sua força.

Luís Miguel Oliveira